

OMP. 1.4.277

O pic-nic trágico

M B. Tamassia

Correio Popular - 23-IV-1981

Largos anos passados, eu conhecia Campinas apenas como a cidade das andorinhas e guardava na lembrança até mesmo a ilustração de um antigo livro escolar, em que as mesmas apareciam em revoadas em torno de um casarão, parecido com um mercado. Jamais previa que nela colocaria os pés e estes criariam raízes.

No entanto, sempre houve entre nós, Campinas e eu, um outro traço de ligação, além das andorinhas; era uma valsa muito sentimental chamada "Pic-Nic Trágico" que solava ao bandolim e meu tio Orestes cantava com voz de Nelson Gonçalves. Esta peça tão lânguida foi escrita em Campinas, sendo autor Germano Benecasse. E a valsa ganhou os salões, permaneceu indefinidamente nos repertórios e enterneceu muitos corações.

Germano Benecasse se inspirou num acontecimento que na época enlutou Campinas. Era costume campineiro, quase um modismo, realizar convêscotes. Quem folheia álbuns de fotografias ou jornais antigos, por certo encontrará retratos destas promoções. Chegamos a ver grupos tão grandes, no Clube de Regatas, em Sosas, que mais pareciam um conclave político do que um prosaico pic-nic. Era na verdade um ponto de encontro, dos velhos, dos moços, estes em estar com as suas namoradinhas, em lugar aprazível, junto a um rio de águas plácidas ou encachoeiradas, além do que cada qual fazia questão de exibir as suas qualidades culinárias. Um bom gosto que passou, como se foram as serenatas.

Um pic-nic assim foi programado, com entusiasmo, para a Praia Azul, em Americana. Conta-me o Chiquito, ou seja, o festejado jornalista F. Soares, que, na época, tinha xodó muito especial por prendada e bonita senhorinha, da nossa melhor sociedade. Além do mais, era portadora de nome poético e oriental: Agar. Agar da Costa Lobo. A jovem era muito estimada, irradiando simpatia e meiguice, e a sua família bastante reverenciada e querida.

Chiquito conta-nos hoje, depois de tantos anos, que estava desesperado para ir ao pic-nic. E o motivo deste anseio era a bela Agar. Não tendo conseguido folga na Companhia, garantiu a Agar, que, quando mais não fosse, compareceria à Estação da Estrada de Ferro, de onde partiria o trem às 7,15 da manhã. Também não lhe foi possível. Ficou com esta aflição de que não lhe dissera adeus.

O dia passou e, na boca da noite, lá pelas 18 horas, através do telégrafo recebia a infausta notícia. Um barco virara nas águas e Agar tinha morrido afogada. A tragédia abalou a cidade. Chiquito ficou com profundo sentimento no coração e com a cabeça em remordimento. "Afiml, por que não fora despedir-se de Agar?"

Já se tinham passado 15 dias do acontecimento. Chiquito pega o seu bandolim, que até hoje toca com muita expressão, e pensando nestes enredos que superam a imaginação criativa do escritor, ia começar um solo. Mal roçou com a palheta nas cordas e estas deram um estrondo, produzindo um som chocho. As oito cordas do instrumento voaram ao mesmo tempo inexplicavelmente. Chiquito as procura e as acha no chão. Estavam meio enroladinhas e nenhuma delas rebentadas, mas sim, inteiriça! Como poderiam ter sido do instrumento oito cordas de aço, resistentes, sem se rebentarem?

Qual a explicação? No repertório dos fatos espíritos e paranormais, principalmente das Sociedades de Pesquisas Psíquicas encontramos muitos casos semelhantes. Louisa Rhine esposa de J.B. Rhine, resuscitador da Parapsicologia escreveu um livro "Canais Ocultos do Espírito" e entre tantos casos, um em que o relógio da sala começou a soar horas loucamente. Chamem ao fenômeno terlegia telebúlica ou o que quer que seja, ele se liga a um longo contexto, em que os mortos chamam a atenção dos vivos ou lhes transmitem a aflição pela qual estão passando.